



CENTRO UNIVERSITARIO DE BRASILIA\_ UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO\_ FACE  
CURSO PEDAGOGIA \_ FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES  
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL \_ PROJETO PROFESSOR NOTA 10

ISABELLA MARANHÃO DE PAULA PESSOA  
LUCIANA GOMES DE SOUSA

**A LEITURA E A ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS**

Brasília, 2006.

ISABELLA MARANHÃO DE PAULA PESSOA  
LUCIANA GOMES DE SOUSA

**A LEITURA E A ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS**

Projeto de TCC apresentado ao Curso de Pedagogia - Formação de Professores para as Series Iniciais do Ensino Fundamental - Projeto professor Nota 10, da Faculdade de Ciências da Educação - FACE - do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como parte das exigências da Monografia II.

Orientador: Antônio César  
Nascimento de Brito.

**Brasília, 2006.**

## DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho acadêmico aos nossos alunos que fizeram despertar em nós a investigação pelo seu interesse pela leitura e escrita. Aos nossos colegas de trabalho, que contribuíram com suas experiências em sala de aula.

## AGRADECIMENTOS

Queremos deixar aqui nossos agradecimentos a todos aqueles que estiveram nos apoiando e colaborando para que conseguíssemos concluir nosso trabalho.

Primeiramente a Deus, supremo inspirador de todos nós.

Aos nossos familiares, amigos e ao nosso orientador, pela paciência e incentivo incansáveis.

## EPÍGRAFE

Ninguém é tão grande que não possa aprender, nem tão pequeno que não possa ensinar.

Píndaro

O homem que a adversidade não educou será sempre uma criança.

Nicollo Tommaseo

Um livro é como uma janela: quem não o lê fica distante dela e só pode ver uma pequena parte da paisagem.

Kahlil Gibran

## RESUMO

---

Esta pesquisa acadêmica se propõe incentivar e possibilitar a prática de leitura e escrita na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Neste sentido o objetivo desta pesquisa consistiu em investigar como a prática de leitura e escrita pode contribuir de maneira significativa no processo de ensino aprendizagem no tendo como base experiências com diversos gêneros textuais Este estudo se fundamenta, principalmente, nos conceito de Paulo Freire, em que considera a experiência do aluno como fator indispensável para a aquisição da leitura, já que essa leitura do mundo antecede a leitura da palavra A metodologia de pesquisa foi subsidiada por princípios qualitativos. a investigação realizou-se no Centro de Ensino Fundamental do Paranoá com alunos e professores do 3ºe 4º semestre. A análise dos dados demonstrou que uma das grandes dificuldades que estes alunos encontram na escola é com relação a leitura, já que não têm familiaridade com a pratica da leitura e escrita. Ao término da pesquisa identificamos que trabalhar com variedades de gêneros textuais e valorizando suas experiências a aprendizagem se torna mais fácil e significativa para esses estudantes.

---

Palavras Chaves: Leitura; Escrita; Educação de Jovens e Adultos.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....</b>	<b>10</b>
<b>2.2 ALUNOS E EDUCADORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....</b>	<b>16</b>
<b>2.3 LER E ESCREVER EM UM MUNDO EM TRASFORMAÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 OBJETIVO DA PESQUISA DE CAMPO.....</b>	<b>25</b>
<b>3.2 RELATOS DAS ATIVIDADES.....</b>	<b>26</b>
<b>3.3 COLETA DE DADOS.....</b>	<b>29</b>
<b>3.3.1 Contextualização - característica da turma.....</b>	<b>29</b>
<b>3.3.2 Questionários.....</b>	<b>29</b>
<b>3.3.3 Aplicação da aulas (atividades*).....</b>	<b>30</b>
<b>4.ORGANIZAÇÃO ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>31</b>
<b>4.1 ANÁLISE DOS DADOS – PROFESSORES.....</b>	<b>31</b>
<b>4.2 ANÁLISE DOS DADOS – ALUNOS.....</b>	<b>33</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>43</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Pensando acerca das dificuldades de leitura de Jovens e Adultos do 1º segmento da EJA e pelo fato desse problema preocupar boa parte dos educadores desta etapa está sendo proposto um estudo mais aprofundado desta problemática e visando possibilitar o desenvolvimento eficiente da leitura e escrita desses alunos, considerando suas características inerentes.

Sendo assim, este estudo tem como principal objetivo incentivar a prática de leitura na Educação de Jovens e Adultos, esperando assim que os alunos consigam ler de forma crítica, oportunizando atividades para que possam conhecer diferentes gêneros textuais e interpretem reflexivamente cada um deles, assim como mostrar que a leitura está presente em variadas atividades do cotidiano, apresentando estratégias de leitura, para que os educandos desenvolvam o hábito de ler e tenham facilidade em fazê-la.

As dificuldades de leitura no Brasil preocupam professores de todo o país, hoje o índice de analfabetos (funcionais e absolutos) é estrondoso, pois muitos alunos chegam no 4º semestre do 1º segmento e simplesmente não dominam a leitura, apenas decodificam os códigos. Esses discentes estão muitas vezes impossibilitados de ler no sentido amplo da palavra, e aprender por meio da leitura, ficando impossibilitados até mesmo de exercer sua cidadania plenamente.

Se observarmos os indicadores da 5ª edição do INAF (Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional), pesquisa lançada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela Ação Educativa no Dia Internacional da Alfabetização, 8 de setembro, os dados são alarmantes e muito preocupantes:

No Brasil, 75% das pessoas na faixa etária dos 15 aos 64 anos não conseguem ler e escrever plenamente. O número inclui os analfabetos absolutos – sem qualquer habilidade de leitura e escrita – e os 68% considerados analfabetos funcionais. Esses identificam letras e palavras, mas não conseguem utilizá-las no cotidiano e tem dificuldades para compreender e interpretar textos. (<http://www.ipm.org.br>)

Esta realidade pode ser verificada no Centro de Ensino Fundamental 01 do Paranoá, do 1º ao 4º semestre, do 1º segmento, onde foi realizada essa pesquisa.



Percebe-se a necessidade de ser realizado um trabalho que incentive o aluno a realizar uma leitura crítica e reflexiva do mundo que o cerca e, desta forma, ir além da mera leitura que decodifica.

Não basta ser alfabetizado nos dias atuais, é preciso que os sujeitos participem ativamente do universo da cultura letrada. Assim, é preciso que o indivíduo seja capaz de atuar na sociedade que está repleta de eventos de letramento.

O aluno letrado é aquele que conhece os diversos modos de expressão escrita, que os compreende e que percebe a existência das ideologias que o mundo da escrita, e não apenas ele, veicula. Entretanto, esses alunos apresentam dificuldades com relação a leitura e escrita pelo fato de não estarem habituados com a leitura.

Com isto, é papel da escola promover trabalho de incentivo, e ainda, um trabalho que se preocupe em não disseminar o preconceito lingüístico, e sim, um trabalho de valorização da língua materna.

Sabe-se que a leitura e a escrita estão intrinsecamente ligadas e que aquele educando que tem o hábito de ler, conseqüentemente, terá facilidade em escrever da forma convencional.

Segundo Rojo (1998), as atividades de leitura e escrita tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores, sobretudo nas últimas décadas. Tem-se estudado o fenômeno de muitos pontos de vista.

Para que a leitura e a escrita façam, de modo efetivo, parte da vida dos alunos, não basta ensinar a ler e escrever, mas trabalhar com a interpretação de forma abrangente e consciente.

Pretende-se utilizar métodos e materiais didáticos inovadores e o que é mais importante de acordo com a realidade desses educandos, pois, hoje são poucos os materiais voltados para essa clientela o que acaba dificultando o processo de alfabetização voltada para o letramento.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Pode-se dizer que a trajetória histórica da educação no Brasil inicia-se com a educação de jovens e adultos, que remonta aos tempos coloniais. Quando o primeiro governador geral, Tomé de Sousa, chega ao Brasil em 1549, acompanhado dos jesuítas, que tinham a ação missionária de ensinar com a tarefa determinada de instruir e evangelizar os índios, eles fundaram escolas de “ler e escrever” criou as escolas elementares, secundárias, seminários e missões, mas procuraram enfatizar as escolas secundárias. Dedicava-se mais aos filhos dos colonos, propondo uma educação mais abrangente e elitista. Os jesuítas permaneceram espalhados pelo Brasil até 1759, quando foram expulsos pelo marquês de Pombal.

Segundo Romanelle (1985), somente a partir de 1930 surgem as experiências com a educação de jovens e adultos “propriamente dita”, começou. Sua trajetória juntamente com a consolidação de um sistema público de educação elementar no país, permaneceu com essa configuração até a Reforma Francisco Campos em 1931.

A partir da década de 40 do século passado, que a EJA firma-se como questão de política nacional, logo após a constituição de 1934 estabelecer a obrigatoriedade e gratuidade nacional do ensino primário para todos, como já foi citado.

Ainda na década de 40, precisamente no ano 1947, a “Campanha de Educação de Adultos” foi se solidificando, com a direção do Professor Lourenço Filho. Essa campanha espalhou-se por todo o país, tendo em seus primeiros anos um grande êxito.

Neste período, a educação de adultos define sua identidade tomando a forma de uma campanha nacional de massa, a campanha de Educação de Adultos, lançada em 1947. Pretendia-se, numa primeira etapa, uma ação extensiva que previa a alfabetização em três meses, e mais a condensação do curso primário em dois períodos de sete meses. (Proposta Curricular para o 1º segmento do Ensino Fundamental, p.19).

Ainda segundo a Proposta Curricular (2001) a “motivação e inspiração para que o Ministério da Educação investisse na Campanha de alfabetização de Adultos veio do método desenvolvido em 1915, nas Filipinas, por Frank Laubach” (Currículo da Educação Básica, p. 21), um método conhecido como Laubach<sup>1</sup>, pois foram justamente com esse método que Laubach conseguiu alfabetizar 60% da população Filipinas, e em toda a Ásia. Frank desenvolveu seu trabalho durante 30 anos, alfabetizando adultos que não tinham maiores perspectivas.

A proposta curricular destaca ainda que o Ministério da Educação forneceu aos alunos da Campanha os “Guias de Leitura” que tinha como base principal o método silábico (as atividades partiam de palavras-chaves, organizadas pela sua fonética, as sílabas deviam ser memorizadas e utilizadas para formar outras palavras). A década de 750 é marcada por campanhas com a intenção de erradicar o analfabetismo, porém com pouco sucesso. Elas foram organizadas para atender a necessidade de aumentar a produção econômica e as bases eleitorais dos partidos, pois se iniciava a redemocratização do país, com o fim do Estado Novo e a integração dos imigrantes rurais aos centros urbanos. No final desta década começam as críticas a estas campanhas, que contribuíram para que educadores refletissem sobre o analfabetismo, eis que surge a proposta de um novo paradigma, alternativas e métodos, para uma reestruturação na Educação de Adultos.

Na década seguinte, vão-se organizando gradativamente os movimentos populares que visavam à democratização da escolarização básica. Esses movimentos eram organizados por estudantes e intelectuais que almejaram novos horizontes para a cultura e a educação em nosso país, visto que a EJA era oferecido para adultos.

---

<sup>1</sup> Com o auxílio de um educador filipino, Donato Gália, Laubach adaptou o alfabeto inglês ao dialeto mouro. Em seguida adaptou um antigo método de ensino norte-americano, de reconhecimento das palavras escritas por meio de retratos de objetos familiares do dia-a-dia da vida do aluno, para ensinar a leitura na nova língua escrita. A letra inicial do nome do objeto recebia uma ênfase especial, de modo que o aluno passava a reconhecê-la em outras situações, passando então a juntar as letras e a formar palavras. ([www.midiaseम्मascara.org](http://www.midiaseम्मascara.org)).

Estes movimentos populares incentivavam jovens e adultos aos estudos e resgate da consciência política da cidadania, tendo como principais, segundo Aranha (1996):

- Centros Populares de Cultura (CPC) da União Nacional de Estudantes (UNE);
- Movimento de Cultura Popular de Recife /PE (MCP) – 1960; grupo no qual Paulo Freire pertenceu;
- Movimento de Educação de Base (MEB), criado em 1961 pela CNBB (Conferência Nacional de Bispos do Brasil).

Segundo a Proposta Curricular, destacou-se os pressupostos defendidos pelo educador Paulo Freire, que fez parte do MCP /PE, foi um dos precursores de uma nova visão, pois Freire criou uma proposta pedagógica de alfabetização de adultos “[...] em que os educadores superam a postura autoritária e, abertos a ouvir o próprio povo” (ARANHA, 1996, p.208), inovador e totalmente voltado a adultos, foi esse “jeito” diferente de ensinar adultos que deu base aos principais programas de alfabetização na década de 60. Os pressupostos deste autor têm como característica fundamental o diálogo crítico, por meio do qual exercita ação-reflexão, conscientizando-se de suas ações na sociedade, visando uma educação conscientizadora do povo para uma participação maior com questões nacionais.

[...] foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, que previa a disseminação por todo o Brasil de programas de alfabetização, orientados pela proposta de Paulo Freire [...] (Proposta Curricular para o 1º segmento do Ensino Fundamental, p. 23).

A proposta de Paulo Freire era totalmente voltada à realidade dos alunos e partia do princípio: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1987). Inclusive neste período foram elaborados diversos materiais didáticos fundamentados na proposta de Paulo Freire.

[...] O que caracterizava esses materiais era não apenas a referência à realidade imediata dos adultos, mas principalmente, a intenção de problematizar essa realidade [...]. (Proposta Curricular para o 1º segmento do Ensino Fundamental, p. 25).

A Proposta Curricular destaca que no ano de 1964, quando os programas de alfabetização de adultos já havia se espalhado por todo país,

ocorreu o golpe militar. Os militares consideravam esses programas subversivos, uma ameaça à ordem, inclusive muitos de seus líderes foram duramente reprimidos e penalizados neste período.

Após o Golpe Militar de 1964, o único movimento popular sobrevivente relacionado educação de jovens e adultos foi o Movimento de Educação de Base - MEB, apesar de diminuir suas atividades e mudar de orientação. E assim, somente foram permitidos programas de ensino “assistencialistas e conservadores”. No mesmo ano percebendo a questão preocupante do analfabetismo no Brasil, os militares assumem a Educação para Adultos com a criação do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que surgiu como prosseguimento das campanhas de alfabetização de adultos, iniciados por Lourenço Silva. Esse movimento contava com um número significativo de recursos, mas foi uma ação totalmente autônoma do Ministério da Educação.

Segundo Aranha (1996), o projeto MOBREAL era completamente diferente da proposta de Paulo Freire, pois é aplicado de forma deformada, apenas com as fichas de leitura, sem o processo de conscientização.

O MOBREAL tinha uma proposta de educação baseada nos interesses políticos vigentes na época e princípios opostos aos de Paulo Freire, pois para a economia do país a alfabetização era vista como importante para melhorar seu padrão de vida e como resultados, contribuindo para seu desenvolvimento.

Enquanto isso, no Brasil, em 1967 o governo militar cria o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização, numa pretensa campanha nacional [...]). Neste projeto, o método de Paulo Freire é aplicado de maneira deformada e, apenas com as fichas de leitura, sem o processo de conscientização. Se os militares consideravam o método subversivo, mutilando ofereceram o seu avesso, impensável como mera técnica de alfabetização. (ARANHA, 1996, p.206)

Ainda neste período, a Lei 4.024/61 estabeleceu que os maiores de 16 anos pudessem obter o certificado de conclusão do curso ginasial (ensino fundamental), mas teriam que prestar exames de madureza. Por sua vez, os alunos com mais de 19 anos poderiam obter o certificado de conclusão do curso colegial (ensino médio). Esses exames eram realizados pelas instituições privadas autorizadas pelos conselhos de educação e secretarias, bem como as escolas públicas.

Na década de 1970, o MOBRAL expandiu suas ações, subdividiu-se em programas, com destaque para o Programa de Educação Integrada (PEI), abrindo a possibilidade de continuação de estudos e consolidando a idéia de pós-alfabetização. O ensino supletivo, institucionalizado na lei nº. 5692/71, propunha a integralização do ensino do 1º grau, interrompendo legalmente com a visão de educação de adultos como sendo especificamente “alfabetização”.

Mesmo com a implantação do MOBRAL pelos militares, é mencionado na Proposta Curricular que movimentos de oposição à ditadura, continuavam a realizar experiências com base numa proposta de alfabetização mais crítica. Esses movimentos somente se ampliaram na década de 80 quando chegava ao fim a Ditadura Militar “Os reflexos desses anos de chumbo foram desastrosos na cultura e na educação [...]” (ARANHA, 1996, p. 211). Mas, foi apenas em 1985 que o Movimento Brasileiro de Alfabetização foi extinto totalmente, dando lugar para a Fundação Educar<sup>2</sup>.

A década de 1980 caracterizou-se pela reabertura política, pela implantação da Assembléia Nacional Constituinte e pela revitalização dos movimentos sociais.

O retorno de Paulo Freire do exílio, a reabertura política, a pressão dos movimentos sociais, as discussões e embates envolvendo a Assembléia Nacional Constituinte e a própria constituição de 1988, com suas respectivas questões, foram fatores decisivos para que se chegasse ao final da década de 1990 com a EJA procurando sair da condição de educação marginal e inferior a educação dita “regular” para ocupar sua posição, pelo menos nas questões teórico-metodológicas (SANTOS, 2003, p.72).

A legitimação do ensino fundamental para jovens e adultos aconteceu apenas na Constituição Federal de 1988. Lê-se no art. 208, inciso I:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº. 14, de 1996)

---

<sup>2</sup> A Fundação Educar abriu mão de executar diretamente. Passou a apoiar financeiramente e tecnicamente as iniciativas de governos, entidades civis e empresas a ela conveniada. (Proposta Curricular para o 1º segmento do Ensino Fundamental, p. 25).

No início da década de 1990, a Organização das Nações Unidas instituiu o ano internacional da alfabetização e realizou a Conferência de Educação para todos. No documento final desse evento, declarou-se, que a educação é um direito fundamental de todos, mulheres e homens de todas as idades do mundo inteiro.

Em nível externo, a V Conferência Internacional de Educação de Jovens e Adultos, convocada pela Organização das Nações Unidas para a Educação realizado em Hamburgo, Alemanha, em 199, trouxe ao debate a EJA.

Segundo SOUZA (2003), apud Arroyo (2001):

Não se podem desconsiderar também as ações dos movimentos sociais e da educação popular, que tem trazido à EJA práticas avançadas e inovadoras nas últimas quatro décadas.

Foi também nesses anos de tanta evolução da Educação para Adultos que esse adulto analfabeto começou a ser visto como uns seres produtivos, capazes de raciocinar, desenvolver sua autonomia em relação ao seu aprendizado, capaz de aprender a escrever, a ler mesmo já sendo adulto.

Depois desse breve histórico da EJA, é importante relatarmos o que acontece na educação de jovens e adultos que diferencia do ensino regular, uma das diferenças principais como já foi dito anteriormente é que ela se destina aos jovens e adultos como o próprio nome diz, pessoas que não foram alfabetizadas ou não tiveram acesso ao conhecimento escolar por variados motivos que os impediram na idade escolar.

O que diferencia a EJA do ensino regular não é apenas o fato dos educandos estarem atrasados na idade escolar, mais inúmeros outros fatores, que serão sintetizados neste trabalho aqui apresentado.

Podemos verificar que uma das características deste grupo a EJA é a discriminação, exclusão. Os alunos desta modalidade estão concentrados na periferia urbana da cidade, geralmente são originários da zona rural, no caso dos alunos do Paranoá a grande maioria são do nordeste e alguns do Goiás e Minas Gerais, que são vítimas do poder econômico.

Estes educandos com baixa escolaridade trazem consigo um sentimento de inferioridade, conseqüências do fracasso escolar, como resultados de não aprovação, de não aprender. Muitos foram excluídos da escola pela evasão, outros a deixaram ou até mesmo nem chegaram a freqüentar em razão de

terem que trabalhem ainda criança, na luta pela sobrevivência também vítimas do poder econômico.

## **2.2 ALUNOS E EDUCADORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Os alunos da Educação de jovens e adultos são em sua maioria trabalhadores, mães e pais de família, geralmente com baixa renda.

Os alunos da educação de adultos são, em geral, pessoas que vivem marginalizadas, não importa se na zona rural ou urbana, executando as tarefas mais arriscadas, cansativas ou sujas da sociedade. São os rondas, seguranças, faxineiros, cozinheiras, lixeiros, peões, colonos... São aquelas pessoas que não freqüentaram escolas na infância ou por morarem longe delas ou por terem de auxiliar no sustento da família. Alguns, por esses motivos saíram dela muito cedo. (SARAIVA, 2004, p. 83)

Esses alunos geralmente não freqüentaram a escola para poder trabalhar e ajudar no sustento de sua família, outros moravam a quilômetros de uma escola, são pessoas desfavorecidas economicamente e socialmente. Analisando esse histórico conclui-se que o contato que essas pessoas tiveram com o mundo letrado foi o mínimo possível. Sanar essa carência é algo que precisa de muito trabalho e força de vontade tanto por parte dos educadores, como por parte dos discentes.

A falta de informação que impede que essas pessoas exerçam sua cidadania e usufruam seus direitos. “Essas pessoas não usufruem seus direitos de cidadania porque os desconhecem ou porque não se sentem com coragem de reivindicá-los” (SARAIVA p.35, 2004).

É através da aquisição do conhecimento que esse jovem e adulto se sente parte integrante na sociedade, nesse momento de troca que é proporcionado a muitos alunos um meio de vida mais próspero, pois, quando ele adquire a habilidade de ler e escrever se sente parte da sociedade e capaz de aprender por si mesmo. Cabe ao professor tornar a sala de aula um ambiente favorável para que desperte nos educandos à vontade de ler. “Em sala de aula, diante de seus alunos, o professor tem de fabricar os malabarismos mais escabosos a fim de desempenhar o seu papel de orientador de leitura”.(SILVA, p. 11, 1980)



Enquanto as crianças que estudam no ensino fundamental têm um material didático adequado para sua faixa etária e seus interesses, os estudantes jovens e adultos se deparam com a falta de textos e materiais didáticos condizentes a sua realidade, pois, muitos sentem dificuldades em realizar leituras de alguns textos encontrados em seu cotidiano.

A atividade de leitura se faz presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas. Tal presença, sem dúvida marcante e abrangente, começa no período de alfabetização, quando a criança passa a compreender o significado potencial de mensagens registradas através da escrita [...] Após esta fase de iniciação o aluno continua a se encontrar com livros-textos (materializados, na prática escolar, sob a forma de livro adotado, texto base, bibliografia obrigatória, leitura suplementar, apostilas, etc.) (SILVA, p.31, 1980),

Voltando a postura do educador de adultos destacasse a necessidade desse docente de transpor essas adversidades para possibilitar o desenvolvimento na leitura e escrita desses alunos que já passaram por muitas dificuldades na vida. A falta de material de leitura é uma realidade que tem que ser superada na prática escolar. “Entende que todo o ato educativo tem especificidade própria e varia conforme as circunstâncias do contexto histórico em que o mesmo ocorre”.(RAYS, 1997, p.80).

Segundo Cagliari (1998), um bom trabalho de alfabetização precisa levar em conta o processo de ensino e de aprendizagem de maneira equilibrada e adequada. O professor tem uma tarefa a realizar em sala de aula e não pode ser um mero espectador do que faz o aluno ou simples facilitador no processo de aprendizagem apenas passando tarefas. Cabe a ele ensinar também e, assim, ajudar cada aluno a dar um passo adiante e progredir na construção de seus conhecimentos.

Esse adulto precisa se sentir seguro e capaz para escrever, tendo a consciência que a escrita é uma das formas de se comunicar, ler e escrever não são tarefas fáceis, até mesmo para quem já exercita há tempos. Esses alunos têm que sentir prazer e confiantes no que fazem.

É triste perceber que muitos dos professores da EJA são poucos dedicados e nem sempre dão a atenção necessária a esses alunos, a preparação é mínima o que pode desmotivar mais ainda os educandos dessa modalidade.

De acordo com Saraiva, o perfil do professor de adultos pode se resumir dizendo que é alguém com formação empírica, com escassos conhecimentos teóricos e baixo status acadêmico e que conhece pouco do aluno com o qual trabalha. (2004, p. 25).

### **2.3 LER E ESCREVER EM UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO**

Segundo Emília Ferreiro (2002), o ato de ler e escrever não são algo recente, típico da modernidade. Muito pelo contrário. Existe há muitos séculos, pois, o ato de ler e escrever eram atividades profissionais no qual eram aprendidas como um ofício. Os escribas se profissionalizavam em alguma área de uma arte em particular. Sendo assim, mesmo existindo nessa época a “escola de escribas” o termo fracasso escolar não existia, porém a partir do momento em que o ato de ler e escrever passaram a ser uma obrigação, surge o termo “fracasso escolar”.

Todos os problemas da alfabetização começaram quando se decidiram que escrever não era uma profissão, mas uma obrigação, e que ler não era marca de sabedoria, mas de cidadania. (FERREIRO, 2002, p.12).

Ainda, segundo a mesma autora, com o surgimento social da democratização da leitura e da escrita, criou-se uma lei na qual a escola deveria ser pública e obrigatória para todos, para se dar acesso aos “oprimidos”, os inacessíveis aos conteúdos dos saberes encontrados somente nas bibliotecas, com a finalidade de levar para esses cidadãos a consciência de seus direitos e obrigações.

Por isso desde o início eram adquiridos por meio de técnicas: desde o traçado das letras até a técnica da correta oralização do texto, sabe-se que técnicas sempre são maçoantes, e só depois é que surgiram à leitura resultada da compreensão e a escrita eficaz.

A escola não só deve alfabetizar, mas precisa também preparar esses cidadãos para a vida e o trabalho, pois vivemos num mundo em constante globalização, em que a revolução tecnológica que está alterando as formas de trabalho, no qual nossa forma de governo, a democracia, exige-se e requer

uma demanda cada vez maior de indivíduos alfabetizados, ou melhor, letrados. Para que cumpra o pleno exercício de cidadania.

Podemos verificar que esta democracia plena de cidadão esta longe de ser concretizada, porque ela é incompatível com o analfabetismo dos cidadãos, pois na nossa sociedade brasileira existem muitas pessoas analfabetas que não sabem nem o mínimo, que é escrever o próprio nome.

Não é possível continuar apostando na democracia sem realizar os esforços necessários para aumentar o número de leitores (leitores plenos e não decifradores). (FERREIRO, 2002, p.18)

De acordo com os PCNs da Língua Portuguesa , desde o início da década de 80, tem sido discutida necessidade de melhorar o ensino, no que se refere ao fracasso escolar, sobre a questão da leitura e da escrita. Após inúmeras investigações, permitiram compreender alguns aspectos que antes não eram enfatizados:

[...] a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, e, para aprender a ler e escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem. (PCNs, Língua Portuguesa, 1997.p.21).

Podemos verificar que a leitura e a escrita não é mais um conteúdo da escola que se deve ser apresentados aos educandos, para simplesmente fazerem boas provas, mas ao contrário, ela deve ser a base inicial para a formação de um cidadão consciente de seus direitos e deveres, por isso, enquanto profissionais da área de educação, devemos enfatizar a importância da leitura e escrita em todo o contexto social.

De acordo com Ana Teberosky (2002): “A relação entre o ensino institucional e o desenvolvimento... é de influência, não por determinação...”.

Ainda segundo, a mesma autora a escrita é um objeto social cuja presença e função ultrapassa o “marco escolar”, pois o ser humano é um sujeito ativo e construtor do seu próprio conhecimento. Principalmente quando nos referimos aos jovens e adultos, que já tem uma boa leitura pelo menos do mundo.

Paulo Freire, diz que o processo que envolve a leitura, não termina apenas com a decodificação da palavra escrita, mas se antecipa com o conhecimento do mundo, ele escreveu:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se aprendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2003.p.11).

O Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa, também ressalta, assim como FREIRE, da importância da relação entre o texto e o contexto.

De acordo com os objetivos o PCN de Língua Portuguesa (1997, p.46), aponta que:

A necessidade de os cidadãos desenvolverem sua capacidade de compreender textos orais e escritos, de assumir a palavra e produzir textos, em situações de participação social.

O processo de leitura depende de várias condições: a habilidade e estilo de cada leitor, o objetivo da leitura, o nível de conhecimento prévio sobre o assunto tratado e o nível de complexidade oferecido pelo texto às vezes o leitor domina perfeitamente a linguagem escrita, mas, por falta de familiaridade com o assunto tratado, acaba não conseguindo compreender o texto que tem diante dos olhos. Uma prática constante de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura de fato.

Segundo Morais (1996), a arte de ler é uma arte esquecida, relegada a operações automatizadas nas redes de neurônios inacessíveis.

A leitura é uma questão pública, é um meio de aquisição de informação, portanto um componente de um ato social. Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, compreender, para refletir. Lemos para compartilhar, para sonhar, para aprender a sonhar, sonhar por meio de livros. (MORAIS, 1996, p.12).

Segundo o mesmo autor, o importante para sociedade, não é ser decodificador de palavras, mas ser leitor de modo geral, a leitura é um problema social, onde raramente a leitura é vista por prazer.

Sabemos que a leitura é essencial e indispensável no mundo em que vivemos, por exemplo, os textos escritos que substituem as informações faladas, individuais, nos aeroportos, etc.

É necessário aprender a ler e escrever como garantia de participação na vida social de nossas crianças, dos jovens e de nossos adultos.

Segundo Smolka (1989), apud Lourença Filho:

Ler por nada significa. A leitura é um meio, um instrumento, e nenhum instrumento vale por si só, mas pelo bom emprego que dele e chegamos a fazer. O que mais importa na fase de transição são os hábitos que o leitor possam tomar em face do texto escrito (1989 p.14).

Ainda segundo o mesmo autor, para que se recupere o prestígio do prazer de ler, é necessário pensar sobre a relação dos seus efeitos sobre o leitor.

É necessário enfatizar que o processo de ensino e da aquisição da leitura e escrita deve estar inserido em atos diretos de intervenção, começando sempre pelo ambiente escolar, porém não esquecendo de valorizar e aproveitar os conhecimentos prévios de mundo, destes alunos, principalmente porque estamos lidando com adultos.

Observando os dados fornecidos pelo INAF, anteriormente citado pode-se perceber que esse problema que preocupa muitos professores do CEF 01 do Paranoá é uma questão alarmante em todo o nosso país. Onde 75% da população Brasileira de 15 aos 64 anos não conseguem ler e escrever plenamente, este número inclui os analfabetos absolutos.

É um absurdo que estejamos chegando ao fim do século, fim de milênio, ostentando os índices de analfabetismo, os índices dos que e as das que, mal alfabetizadas, estão igualmente proibidos de ler e de escrever (FREIRE, 2003, p. 10).

Se pararmos para refletir percebe-se que “[...] um em cada quatro brasileiro consegue ler, escrever e utilizar essas habilidades para continuar aprendendo” (www.ceat.com.br, 5ª ed. INAF). São índices realmente preocupantes que envolvem não somente questões pedagógicas, mas também sociais.

Professores e alunos devem perceber que a alfabetização vai muito além, de decodificar palavras, mas linguagem também envolve seu uso e reflexão.

Paulo Freire destacou no Congresso Brasileiro de Leitura, realizado em Campinas, que a linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por uma sua leitura crítica implica a percepção entre o texto e o contexto (FREIRE, 2003, p. 10).

Para que a leitura e a escrita façam, de modo efetivo, parte da vida dos alunos, não basta ensinar a ler e escrever, mas trabalhar com a interpretação de forma conscientizadora.

### **3. ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA**

A pesquisa é uma ação que precisa ser encarada pelo investigador como um processo contínuo.

Dentro desse processo, consideramos que a abordagem metodológica mais adequada é a pesquisa do tipo teórica (dedicada a estudar as teorias relativas ao nosso tema) e a pesquisa prática, no qual estaremos intervindo com base na teoria estudada com o intuito e alcançarmos ou não nossos objetivos.

Segundo o Guia de Orientação do TCC, apud Demo:

Podemos distinguir, pelo menos, quatro gêneros de pesquisa, mas tendo em vista que nenhum tipo de pesquisa é auto-suficiente, pois “na prática, mesclamos todos acentuando mais este ou aquele tipo de pesquisa”. (2000, p.22).

É o caso de nossa prática, no qual mesclaremos a pesquisa do tipo teórico-prática. Sendo que nesta pesquisa utilizaremos como objetos investigativos: referências bibliográficas e a pesquisa de campo realizada em nossa própria sala de aula.

Para analisarmos como a prática de leitura e escrita contribui para a melhoria no processo de ensino aprendizagem na EJA utilizou-se a abordagem qualitativa, onde a interpretação dos fatos se dá de forma descritiva.

Prentendeu-se com esta abordagem, a realização da pesquisa utilizando na coleta de dados, instrumentos como: meio de observação, registros e

análises das atividades previamente selecionadas, realizada durante a aplicação do projeto e questionários aplicados aos autores envolvidos no desenvolvimento da pesquisa.

Uma definição de observação foi dada por KETELE (1980):

Observar é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objetivo final ou organizador e dirigido a um objeto para recolher informações sobre ele.

Já o questionário serve de base para sabermos o que os atores envolvidos na pesquisa pensam a respeito do assunto leitura e escrita.

Estes instrumentos foram aplicados e realizados com alunos da EJA da escola pública do Distrito Federal, tendo como amostra a comunidade escolar do Centro de Ensino Fundamental 01 do Paranoá.

### **3.1 OBJETIVO DA PESQUISA DE CAMPO**

A pesquisa de campo será realizada como um trabalho de investigação e de novas soluções para nossas inquietações referentes à problemática do tema escolhido, no qual possibilitará provável respostas as nossas hipóteses, portanto, a pesquisa de campo, segundo as palavras de Minayo (2002, p.52): “o trabalho de campo deve estar ligado a uma vontade e a uma identificação com o tema estudado, permitindo uma melhor realização da pesquisa proposta.”.

#### **3.1.1 Contextualização \_característica da turma**

A pesquisa realizou-se nas turmas de 3ª e 4ª, da escola citada acima com alunos entre 14 a 55 anos de idade moradores do Paranoá e Itapuã , que em sua maioria trabalham durante o dia , com algumas exceções de jovens que não trabalham ainda devido a idade e falta de profissão.

A clientela da Educação de Jovens e Adultos , geralmente é composta de pessoas que trabalham o dia todo e nem sempre tem tempo disponível a praticarem a leitura e escrita com freqüência. O que acaba causando uma série de dificuldades na vida escolar , e como não poderia ser diferente até mesmo na vida social desses alunos.

Os alunos da educação de adultos são, em geral, pessoas que vivem marginalizadas, não importa se na zona rural ou urbana, executando as tarefas mais arriscadas, cansativas ou sujas da

sociedade. São os rondas, seguranças, faxineiros, cozinheiras, lixeiros, peões, colonos... São aquelas pessoas que não freqüentaram escolas na infância ou por morarem longe delas ou por terem de auxiliar no sustento da família. Alguns, por esses motivos saíram dela muito cedo. (SARAIVA, p. 83, 2004)

Esses alunos geralmente não freqüentaram a escola para poder trabalhar e ajudar no sustento de sua família, outros moravam a quilômetros de uma escola, são pessoas geralmente desfavorecidas economicamente e socialmente. Analisando esse histórico só pode-se concluir que o contato que essas pessoas tiveram com o mundo letrado foi o mínimo possível. Sanar essa carência é algo que precisa de muito trabalho e força de vontade tanto por parte dos educadores, como por parte dos discentes.

E é essa falta de informação que impede que essas pessoas exerçam sua cidadania e usufruam seus direitos. “Essas pessoas não usufruem seus direitos de cidadania porque os desconhecem ou porque não se sentem com coragem de reivindicá-los” (SARAIVA p.35, 2004).

### **3.2 RELATO DAS ATIVIDADES**

As atividades que se seguem foram pensadas para educandos que demonstram dificuldades de leitura e escrita, com as atividades sugeridas visa-se incentivar a leitura e a produção de texto de uma forma prazerosa. Ao apresentar as atividades procurou-se mostrar a importância no ato de ler, pois, quando se lê desenvolve a escrita “a gente aprende a escrever lendo” (ZILBERMAN, 1989 p. 11), uma das grandes preocupações desses alunos é aprender a escrever corretamente como pôde ser percebido no questionário respondido pelos mesmos.

A partir daí foi sugerida a primeira atividade, um sarau na biblioteca, onde o aprendiz escolheu um texto de algum autor conhecido ou de sua própria autoria para ler para os colegas na roda, o gênero textual foi de escolha do próprio aprendiz, alguns educandos faziam alguma interpretação oral do texto lido, ou algum comentário (se gostaram do texto, o que mais chamou a atenção), um grupo de estudantes mais jovens apresentaram um RAP escrito por eles em sala e um outro aluno que escreve músicas também cantou suas canções. Essa atividade foi pensada para que os alunos desenvolvam as



habilidades de escutar a leitura de diversos textos; refletir sobre a linguagem oral, seu uso e adequação; ler autonomamente diferentes textos, além de expor seus dons natos. A avaliação dessa atividade foi realizada oralmente, as colocações dos alunos foram bastante satisfatórias, eles participaram significativamente da atividade proposta.

Realizou-se na segunda atividade interpretação dos provérbios por meio de mímica: a turma foi organizada em três grupos. Ao centro da sala colocou-se uma caixa com vários provérbios em pedaços de papéis, para cada rodada desta, o grupo escolheria um representante por vez, se que a cada rodada o grupo escolheria uma pessoa que ainda não tivesse participado da dinâmica, o aluno retiraria uma frase (provérbio) da caixa e por meio de mímicas deveria transmitir o provérbio ao seu grupo, para que estes adivinhassem o provérbio em questão. Todos os grupos ao final da dinâmica ganharam uma prenda. A turma se divertiu muito e demonstrou bastante entusiasmo proporcionando uma forma prazerosa nesta atividade de leitura e escrita. Para concluir a atividade foi entregue uma folha pautada onde os alunos escreveram três provérbios de acordo com sua escolha.

Na terceira atividade foi proposto aos educandos à leitura visual da tela: “Operários” de Tarsila do Amaral, com o uso do retroprojetor a cópia da tela foi reproduzida na transparência. A princípio os alunos apenas observaram por alguns minutos a tela de Tarsila, percebendo os detalhes da obra, foi possível realizar uma aula bem diferente, em que os educandos foram incentivados a darem um título a obra para logo depois revelar o título original, discutimos a temática social em que ocorreu, começa na revolução industrial com o surgimento das fábricas, o objetivo desta atividade é que por meio da leitura visual contemplaremos atividades que envolvem as disciplinas de Arte, História e Geografia trabalhando assim a leitura de forma interdisciplinar. Após a observação e a leitura da tela foi trabalhada a formação da identidade do aluno, onde foram feitas duas perguntas para o início da discussão: “Quem são vocês?” e “O que vocês representam na sociedade?”, eles fizeram à leitura deste quadro e responderam as questões propostas, em seguida foram organizados em grupos onde cada um destes deveriam realizar uma produção escrita sobre o assunto

Dando continuidade às atividades em outra aula os alunos assistiram ao filme mudo de Charlie Chaplin Tempos Modernos de 1936, o objetivo desta atividade é desenvolver a capacidade comunicativa e percepção da turma. A princípio foi discutido o filme, o enredo foi recontado oralmente, foi realizada uma análise crítica do filme. As perguntas feitas para a discussão sobre o filme foram as seguintes "Como iniciou o filme?" "O que foi apresentado?" "O que aconteceu na história?" "Como a história foi concluída?" "Quem são os personagens?". Os alunos relacionaram o filme com o conteúdo industrialização/ globalização. Reunir a turma em grupo para realização das seguintes tarefas: 1) confrontar o conteúdo do filme com a matéria proposta. 2) analisar situações concretas semelhantes à abordada no filme. 3) socializar as idéias levantadas de acordo com o contexto trabalhado pelos alunos. Foi proposto também que os discentes transcrevessem de forma resumida as cenas do filme como se estivessem recontando a história. A atividade foi bem recebida, porém, no momento de reescrever a história os alunos sentiram bastante dificuldade e alguns não conseguiram nem mesmo entregar o texto.

Na quinta tarefa, com a utilização de revistas e jornais foi proposto à encenação de um tele jornal, essa atividade tem como objetivo principal, formar leitores autônomos de reportagens; ampliar a capacidade de leitura e escrita dos alunos e os conhecimentos sobre a língua escrita. A turma foi organizada em grupos e cada grupo selecionou uma notícia realizou-se a leitura das mesmas. Foi proposto, então, que os alunos apresentassem a reportagem em forma de um tele jornal, onde em grupo decidiram como seria a apresentação. Ao final do tele jornal cada aluno vai escreveu resumidamente a reportagem que mais lhe chamou a atenção. Os educandos demonstraram interação na escolha da reportagem e na elaboração das apresentações, participaram ativamente de todos os momentos propostos, a aula foi divertida. Foi apenas no momento de transcrever a reportagem que os educandos tiveram mais dificuldade.

A sexta e última atividade foi proposto um trabalho com poesia, no primeiro momento os alunos assistiram ao documentário "Ilha das flores", com direção de Jorge Furtado, produzido no ano de 1989 (que mostra a miséria de alguns moradores de uma cidade do Rio Grande do Sul), logo após, foi

realizada a leitura do poema “O Bicho” de Manuel Bandeira, a turma foi organizada em círculo para favorecer um debate fazendo uma relação do documentário com o poema, a partir das discussões foi sugerido a produção individual de uma poesia relacionando a vida com o que foi visto no documentário.

Realizando uma avaliação geral das atividades propostas, pode-se afirmar que os alunos participaram de uma forma significativa e participativa.

### **3.3 COLETA DE DADOS**

Para realização desta pesquisa foram utilizados três instrumentos: observação participativa, questionário e aplicação de atividades na própria sala de aula.

Estes instrumentos nos permitiram a coleta de dados, em uma abordagem qualitativa, no qual foi se construindo a interação das professoras com o tema escolhido, valorizando a experiência pessoal dos educandos para a construção do processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita.

#### **3.3.1 Observação participativa**

É uma técnica como o próprio nome sugere em que há a participação dos sujeitos, por meio do contato direto entre o professor em sala de aula e o aluno.

Se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informação sobre a realidade dos atores envolvidos, em seu próprio contexto. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. (MINAYO, apud NETO, 2002, p.59).

Este instrumento é importante, pois se pode apreender uma variedade de situações que não são obtidas por meio de entrevista ou questionário.

### **3.3.2 Questionários**

Nesta etapa foram aplicados dois questionários para dois públicos alvos, um questionário foi elaborado com cinco questões para os alunos, já o segundo questionário teve como público alvo os professores de 3ª e 4ª séries do noturno.

Como o alvo da pesquisa é o indivíduo tem o sentido de verificação do conhecimento, no caso o que se pretende com esses questionários é saber quais a maiores dificuldade dos alunos e quais os maiores problemas encontrados nos alunos da EJA pelos professores pesquisados.

### **3.3.3 Aplicação das aulas**

Como já foi relatado anteriormente foram planejadas e aplicadas seis aulas de leitura e escrita de forma diversificada e algumas delas de forma interdisciplinar, abrangendo não só a disciplina de Língua portuguesa, com o objetivo de despertar o interesse dos alunos.



## **4. ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.**

### **4.1. ANÁLISE DOS DADOS – PROFESSORES**

Foram entrevistados neste universo de pesquisa nove professores que atuam com na EJA entre um e sete anos, com turmas de 3º e 4º semestre.

As salas de aulas a qual os entrevistados trabalham possuem em média de 20 a 35 alunos, sendo que no campo profissional quatro deles tendo nível A (superior completo) e o restante nível médio.

Inicialmente, pedimos que traçassem o perfil de seus alunos por base nos aspectos sociais, econômicos e culturais. Em suas respostas categorizou-se que em geral os alunos são de baixa renda, trabalhadores de serviços pesados e ainda podemos encontrar muitos desempregados. Tem aqueles que também não tiveram acesso à escola pela questão social e econômica. Muitos desses alunos vêm basicamente de estados nordestinos e como não poderiam ser diferentes os traços culturais predominantes desses alunos são de acordo com sua região de origem, foi mencionada também a questão da baixa estima. De acordo com Santos (2001, p74), “esses alunos estão basicamente na periferia e geralmente são oriundos da zona rural e de pequenas cidades, vítimas do poder econômico”.

No fator do processo ensino-aprendizagem no item 2 foi perguntado qual a dificuldade que os professores mais tem observado nos alunos. Sete dos nove professores questionados apontaram como principais dificuldades a leitura e a escrita, além de cansaço, falta de tempo, sobrecarga de trabalho, baixa estima, basicamente relacionaram aspectos a leitura e escrita com principais dificuldades.

Na terceira questão foi questionado os recursos pedagógicos que eles utilizam em sua prática para possibilitar o interesse desses alunos pela leitura. Além de textos diversificados, foram mencionados trabalhos em grupo, rodas de leitura, dinâmicas de grupo, textos de curiosidades, cantinho da leitura, debates de textos, temas atuais, levá-los a biblioteca. O material que o professor utiliza para possibilitar o interesse à leitura e de fundamental importância em sua prática é a partir daí que os alunos se sentem motivados a ler e escrever.

Foi questionado também, como os professores tem recebido esses alunos de 3º e 4º semestre. Em comum os professores responderam que recebem seus alunos com muitas dificuldades em diferentes áreas como: fluência na leitura, interpretar, leitura fragmentada, que os alunos não conseguem interpretar e refletir no que lêem. A causa citada foi devido ao processo acelerado do semestre.

Tendo como ponto de partida os problemas e necessidades do jovem e adulto questionou-se aos professores, qual tem sido seu papel neste processo e sua contribuição. A maioria definiu seu papel como mediador e incentivadores, como também, despertar nos educandos o senso crítico para que os mesmos possam não apenas decodificar os códigos como realizar a leitura do mundo. Com isso Freire (1997, p.8) salienta: “a leitura da palavra sempre é precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é antes de qualquer coisa, aprender ler o mundo, compreender seu contexto [...]”.

Foi indagado também se a vivência desses discentes poderia ser utilizada como um facilitador no processo ensino-aprendizagem. As respostas foram unânimes, todos os docentes responderam que a vivência não só pode como deve ser utilizada como um meio facilitador. Os argumentos colocados pelos educadores foram variados, como, facilita no aprendizado, para uma maior interação entre os alunos, facilidade em relacionar conteúdos.

De acordo com Ribeiro (2001, p.26), os jovens e adultos tem seu desenvolvimento psicológico e suas modalidades de aprendizagem (e seus valores, hábitos, atitudes, formas de organização do conhecimento) que tem que ser respeitados, restando pouco espaço para a intervenção educativa.

Foi questionado ainda como é feita a seleção de textos para trabalhar em sala de aula. A maioria dos entrevistados relatou que a escolha de textos é realizada de acordo com o interesse da turma e com de livros didáticos do ensino fundamental regular, apenas dois professores marcou a opção outros.

Sabendo que o material de leitura direcionado para alunos da EJA é escasso, procurou-se saber quais os recursos utilizados pelos educadores para amenizar essa problemática. Os recursos utilizados pela maioria dos professores são jornais e revistas, assim como, fichas de leitura, panfletos de supermercado, folhetos, cartazes. Sabe-se que os recursos da EJA são o mínimo possível, e a educação fundamental tem todos os privilégios, enquanto que, a educação de adultos fica na maioria das vezes em segundo plano. Segundo Santos (2003, p.75) as verbas distribuídas pelo Fundef privilegiam o ensino regular e só algumas conquistas contemplam a educação de jovens e adultos.

No último item foi perguntado aos entrevistados se a língua portuguesa pode ser trabalhada também em outras disciplinas, 100% dos professores respondeu que sim, que é possível trabalhar o português em todas as outras disciplinas.

## **4.2. ANÁLISE DOS DADOS DOS ALUNOS**

A análise de dados dessa pesquisa foi realizado, no período de abril a junho, com o objetivo de observar e com isso propor atividades que incentivem a prática de leitura e escrita. A partir de atividades, observações, e aplicação dos questionários que se realizaram com alunos de 3º a 4º semestre, com faixa etária de 14 a 50 anos.

As atividades foram realizadas pelos alunos e descritas pelas professoras, tendo como suporte nessa investigação as entrevistas analisadas a seguir.

O primeiro questionamento feito aos alunos foi: sobre a importância da leitura em seu dia a dia. A maioria dos alunos, exatamente 70%, responderam que a leitura é muito importante para que eles adquiram conhecimento; 20% dos educandos relataram que era para ler e escrever melhor e apenas um aluno não respondeu.

Na segunda questão com uma pergunta objetiva foi questionado se eles dedicavam algum tempo do dia para prática de leitura, apenas um aluno



respondeu que não, a maioria deles declarou que às vezes dedicam esse tempo; e 4 alunos dedicam um tempo no seu dia pra a prática de leitura.

Já no item 3, os alunos foram indagados qual o tipo de leitura eles praticam com mais freqüência. O aluno A ler revistas; os alunos B e J lêem, livros; enquanto o D ler com mais freqüência jornais, revistas, anúncios / cartazes, receitas e outros; os discentes D e E marcaram todos os textos (jornais, revistas, anúncios / cartazes, receitas, receitas e outros) ; já o F respondeu jornais, revistas e livros, enquanto o aluno G marcou em outros e especificou que sua leitura diária é a Bíblia; educando H, só não realiza a leitura de jornais.

Na questão 4 foi perguntado quais as atividades os alunos mais gostam de realizar em sala de aula e o porque. A maioria dos educandos exatamente 5 alunos responderam que gostam apenas de atividades de matemática, por variados motivos, pela facilidade e praticidade da disciplina, outro aluno respondeu que gosta de geografia e matemática, outro gosta de matemática e ditado, outro tem preferência por ditados, pesquisa de palavras e multiplicação, enquanto apenas dois educandos gostam de atividades que envolvam mais a língua portuguesa, pois segundo ele é só ler e responder ou porque gosta de escrever histórias .

No último item foi solicitado que os alunos relatassem qual a maior dificuldade em sala de aula. Os sujeitos B,C,D, e, J responderam que sua maior dificuldade em escrever.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da leitura e escrita na educação de jovens e adultos tem sido fator de grande discussão na política educacional do nosso país.

A clientela é geralmente composta por trabalhadores e pessoas, que não tiveram acesso ao mundo letrado, seja por aspectos econômicos e ou sociais.

O objeto deste estudo surgiu da necessidade de entender e incentivar a prática de leitura e escrita na EJA, como também, apresentar práticas inovadoras para contribuir na formação de leitores críticos.

A análise de dados demonstrou que a maioria dos alunos da EJA vê a leitura e a escrita como forma de adquirir conhecimentos e aprender. Entretanto, fatores como falta de hábito de leitura, tempo, textos adequados a seus interesses e insegurança, impossibilitavam na produção de textos.

Ao propormos as atividades, verificamos também que um dos fatores que implicam no processo da leitura e a escrita, é a baixa auto-estima, visto que estes alunos em seus trabalhos e em sua vida, não desenvolvem sua criatividade acarretando assim, dificuldade para expressar-se.

É importante salientar também que no decorrer das atividades, como o Sarau, observou-se que muitos alunos demonstraram habilidades como compor músicas, passando a lerem com mais frequência. Visto que foram utilizados diferentes gêneros textuais, possibilitou o interesse dos alunos.

Portanto, este estudo não se propõe a ser conclusivo, mas sim de auxiliar na reflexão no que diz respeito a prática da leitura e escrita na formação de leitores e, como consequência, escritores críticos. Sem esquecer também que, isso só será possível na integração do professor, aluno e o sistema escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília.

FERREIRO, Emília. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: Em três artigos que se completam. 45 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José E. (Orgs). **Educação de Jovens e Adultos**: Teoria, Prática e Proposta, 2 ed. Revisada. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

KAYS, O. A. **Para uma didática escolar crítica**. Vidy, Santa Maria, v. 16, n. 18, 1997.

MONTENEGRO, Fábio (coord). **Indicador Nacional de Analfabetismo – 5ª Edição**. Disponível em: <<http://www.ipm.org.br>> Acesso em 14 set. 2005.

MORAIS, José. **A Arte de ler**. Trad.: Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1996.

ROJO, Roxane. (Org). **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

SANTOS, Maria Leda Lóss dos. **Educação de Jovens e Adultos**: Marcas da Violência na Produção Poética. Passo Fundo, RS. UPF, 2003.

SALVIANO, Ana Regina Melo. **Componente Curricular Alfabetização de Crianças e Jovens**. In: Felix, Joana d'arc Bicalho (org). **Aprendendo a aprender**. Brasília: UniCEUB, 2004.

SARAIVA, Irene Skoruoski. **Dialogando sobre aprender e ensinar**. Passo Fundo: UPF, 2003

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Ato de ler**: Fundamentos Psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 1980.

SMOLKA, Ana Luiza B. et al: **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo a escrever**: Perspectivas psicológicas e implicações educacionais. São Paulo: 2002.

VIEIRA, David Gueiros. **Método Paulo Freire, ou Método Laubach?**. Disponível em: <<http://www.midiasemmascara>> Acesso em: 20 mar. 2006.

**APÊNDICE A:**  
**ENTREVISTA COM PROFESSORES**

Questionário direcionado aos professores da Educação de Jovens e  
Adultos do 1º segmento

Instituição: \_\_\_\_\_

Classe:    A        B        C   

Quantos anos de experiência com a EJA? \_\_\_\_\_

**1.** Tendo por base os aspectos sociais, culturais e econômicos, trace o perfil dos seus educandos.

---

---

---

**2.** Pensando acerca do processo ensino-aprendizagem do jovem e adulto: Qual a maior dificuldade que seus alunos demonstram ter?

---

---

---

**3.** Quais os meios utilizados na sua prática, que possibilitam o interesse dos alunos pela leitura?

---

---

---

**4.** Hoje se fala muito em analfabetos funcionais (apenas decodificam letras) e analfabetos absolutos (sem qualquer habilidade de leitura e escrita). Afinal, 75% da população brasileira com faixa etária de 15 a 64 anos não conseguem ler e escrever plenamente. (INAF)

Você, como educador de 3º e 4º semestres: Em relação a leitura e interpretação, como tem recebido seus alunos atualmente?

---

---

---

**5.** Qual tem sido seu papel, de alfabetizador ou de agente, que prepara cidadãos para a vida e o trabalho? Exemplifique.

---

---

---

**6.** Na sua opinião a vivência dos alunos jovens e adultos pode ser utilizada como um facilitador no processo ensino-aprendizagem? Por quê?

---

---

---

**7.** Na escola onde leciona existe algum projeto que incentive a prática de leitura com mais frequência? Se houver, esse projeto tem contribuído em suas aulas?

---

---

---

**8.** Marque a alternativa. Como você faz a seleção de textos para serem trabalhados em sala de aula.

- a. (    ) Não tenho hábito de trabalhar com textos.
- b. (    ) De acordo com interesse e perfil da turma.
- c. (    ) Textos de livros didáticos.
- d. (    ) Sem nenhum critério.
- e. (    ) Outros: \_\_\_\_\_

**9.** Sabendo que o material de leitura direcionado para alunos da EJA é escasso, quais os recursos que você utiliza para amenizar essa problemática?

---

---

---

**10.** A leitura pode ser trabalhada em outras disciplinas além da língua portuguesa? Dê um exemplo.

---

---

---

**APÊNDICE B**  
**ENTREVISTA COM ALUNOS**



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO – FACE  
CURSO: FORMAÇÃO PARA PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS –  
PROJETO PROFESSOR NOTA 10.

Questionário direcionado aos educandos da Educação de Jovens e  
Adultos do 1º segmento

Instituição de Ensino: Centro de Ensino Fundamental 01 do Paranoá.

Série: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

1. Qual a importância da leitura em seu dia a dia?

---

---

---

2. Você dedica algum tempo do seu dia para prática a de leitura?

( ) SIM                                      ( ) NÃO                                      ( ) ÀS VEZES

3. O que você costuma ler?

- ( ) jornais
- ( ) revistas
- ( ) livros
- ( ) anúncios / cartazes
- ( ) receitas
- ( ) nada
- ( ) outros

4. Quais atividades você mais gosta de fazer em sala de aula? Por quê?

---

---

---

5. Qual sua maior dificuldade em sala de aula?

---

---

---

## **ANEXOS**

CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 01 DO PARANOÁ.

Professor(a): \_\_\_\_\_

Aluno(a): \_\_\_\_\_

### **O bicho**

(Manuel Bandeira)

Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,  
Não era um gato,  
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Rio, 27 de dezembro de 1947.